

# **Como o envelhecimento e a ideia de morte impactam a vida e as ações de idosos residentes em ILPIs Mineiras<sup>1</sup>**

**Ana Júlia Caetano Medeiros<sup>2</sup>**

**Ana Luísa Saraiva Teixeira<sup>3</sup>**

**Beatriz Andrade Viegas<sup>4</sup>**

**Virgínia Prado Tavares Leite<sup>5</sup>**

**Bruno Vasconcelos de Almeida<sup>6</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo entender o que torna tão complexa a compreensão da morte como um processo natural da vida e o que leva a velhice a ser entendida como um estágio oposto à ideia de felicidade, a partir de uma revisão bibliográfica, e da análise de relatos dos atendimentos realizados pelas autoras, enquanto extensionistas do Projeto “Arte de Cuidar” da Pró-Reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Os relatos são de falas de 14 idosos, homens e mulheres, de 60 a 89 anos, residentes em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) mineiras, público do referido projeto. O estudo em questão, decorrente da prática extensionista, teve como categorias de análise o impacto que a institucionalização tem na autonomia dos idosos; o quanto a vivência nesses espaços fomenta a ideia e o medo da morte; e a perda de subjetividade nesse cenário em específico. Os resultados do estudo apontam para a importância de se repensar a forma de a sociedade entender o envelhecer e a maneira como os idosos são institucionalizados.

**Palavras-chave:** velhice; falecimento; institucionalização; felicidade; psicologia.

## **How aging and the idea of death impact the lives and actions of elderly residents of LSIEs in Minas Gerais**

## **ABSTRACT**

This article aims to understand what makes the comprehension of death as a natural process and a part of life so complex, as well as what leads old age to be understood as a stage in contrast to the idea of happiness, based on a literature review and analysis of reports of assistance provided by the authors, as extension agents of the “Art of Caring” Project of the Pro-Rectorate of Extension of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais. The reports are based on the accounts of

---

<sup>1</sup> Projeto “Arte de Cuidar”, da Pró-Reitoria de Extensão, vinculado à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. E-mail: ajcmedeiros@sga.pucminas.br.

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. E-mail: alsteixeira@pucminas.br.

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. E-mail: baviegas@sga.pucminas.br

<sup>5</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. E-mail: virginia.leite.1302491@sga.pucminas.br.

<sup>6</sup> Doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP), Pós-Doutor em Filosofia (UFMG), docente no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

14 elderly individuals, men and women, between 60 to 89 years old, residing in Long Stay Institutions for the Elderly (LSIEs) in Minas Gerais, which are part of the aforementioned project. The study in question, resulting from the extensionist practice, had as categories of analysis the impact that institutionalization has on the autonomy of the elderly; how much living in these spaces encourages the idea and fear of death; and the loss of subjectivity in this specific scenario. The results of the study point to the importance of rethinking the way in which society understands aging and the way in which the elderly are institutionalized.

**Keywords:** old age; demise; institutionalization; happiness; psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

O romance *O retrato de Dorian Gray*, escrito por Oscar Wilde, apresenta a história de Dorian Gray, um belo jovem inglês que, ao ter a sua imagem pintada em um retrato, exprime o desejo de se manter para sempre com aquela aparência e idade, e para isso estaria disposto a trocar a sua alma pela infinitude de sua vida. Em síntese, o pedido é concedido, e ao protagonista é conferida a imortalidade; conseqüentemente, em seu lugar, o quadro, que agora o representava, sofre as conseqüências da deterioração do tempo. O livro contempla a ideia de desejos inalcançáveis que perduram por séculos, regiões e civilizações: a vida eterna e manter-se jovem. Mas qual a origem desses desejos?

Na sociedade contemporânea, é comum afirmar que a única certeza desde o nascimento é a morte. Entretanto, essa certeza não é de fácil assimilação, pois, de acordo com Kubler-Ross (1996), o inconsciente não aceita a própria morte, pois julga ser imortal. Além disso, a morte é associada à velhice, afinal, o enfraquecimento do corpo humano, junto às mudanças físicas e cognitivas são condições esperadas nesse período da vida. Entretanto, assumir que a finitude se encontra apenas nessa fase pode levar à associação do envelhecer ao morrer e, conseqüentemente, criar uma repulsa ao processo natural do tempo sobre a vida e os corpos, fomentando, ainda, a falsa percepção de que os jovens não estão também sujeitos à morte.

Porém, nem sempre a contraposição entre a juventude e a morte foi um problema para a valorização da velhice. Já houve momentos na história em que o envelhecimento não era visto como algo necessariamente negativo, mas sim uma fase da vida em que o indivíduo, pelo conhecimento acumulado e experiências vividas, era considerado alguém sábio e respeitado. Contudo, isso não impediu que a morte fosse um tabu, pois mesmo nessa época, não era um assunto aceito e abordado.

Essas temáticas se relacionam com o projeto de extensão “Arte de Cuidar: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”, que tem como intuito, propor o atendimento e o acolhimento psicológico para idosos e funcionários de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). A partir dessa prática, foi possível identificar na fala dos idosos a dificuldade em lidar com o seu próprio envelhecimento e com a possível chegada da morte.

"Quando se tem a minha idade, você já não tem mais com o que ficar animada". Essa frase foi dita por uma idosa durante um atendimento, e provocou a seguinte reflexão: Por que não? Por que se compreende que a terceira idade é um momento de infortúnios, mágoas e decepções? Tal sentimento pode ser causado pelo fato de a sociedade considerar a velhice como prenúncio da morte, em vez de encarar como mais uma fase da vida que, assim como as outras, pode suscitar tristezas, mas também pode, e deve, inspirar novas alegrias.

É uma interpretação essencialmente negativa da velhice, que supõe impossível aproveitar a vida enquanto se está à "espera da morte". E, principalmente no contexto aqui analisado, é perceptível nos relatos dos idosos que o envelhecimento tem sido compreendido como desistência, ou seja, uma fase que desencadeia sentimentos e pensamentos tais como: não é possível amar de novo; sentir prazer novamente; experimentar novidades; renovar-se e reinventar-se frente às inovações do mundo; sentir-se parte de algo com que se identifica, pois não tem a aprovação social — e até mesmo pessoal — para, de fato, vivenciá-los. Em suma, fugir da realidade de envelhecer é frequente e até mesmo esperado, assim relatado e analisado em diversos atendimentos. Vivenciar todas as fases da vida e compreender que é possível aproveitar cada uma, com todas as suas diferenças e nuances, é vital para o processo saudável de existência.

Portanto, o intuito deste artigo é tentar compreender, de forma aprofundada, a partir da análise dos relatos de atendimentos decorrentes da prática extensionista e de revisão bibliográfica, os motivos que tornam tão difícil lidar com a morte e o envelhecimento, direcionando o olhar, especialmente, para os idosos residentes de ILPIs mineiras.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

No Brasil, é possível notar a relação peculiar que a sociedade tem com o corpo. Não é apenas uma parte do indivíduo, ele pode também ser um importante veículo de ascensão social, de capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e, até mesmo, no sexual. Por todo esse contexto, existe uma supervalorização social desse corpo, mas não de qualquer corpo. De acordo com Goldenberg (2011, p. 78),

Além de um capital físico, o corpo é também um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy.

Um reflexo da busca pelo corpo perfeito pode ser identificado nos dados divulgados pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (*International Society of Aesthetic Plastic*

*Surgery*, ISAPS); segundo eles, aproximadamente 1,5 milhão de cirurgias plásticas foram feitas em território nacional no ano de 2019 (Gomes *et al.*, 2021). Esse ideal de beleza, muitas vezes inalcançável, é incompatível com o envelhecimento populacional brasileiro. Com isso, é notória a aversão social a esse processo natural da vida, pois como apontado por Vilhena, Novaes e Rosa (2014, p. 252), “[...] na sociedade ocidental capitalista ninguém quer ser velho”. Cherix (2015, p. 43) acrescenta que

É comum ouvir idosos dizendo que não se sentem idosos ou velhos, fugindo destas referências sociais pelo máximo de tempo possível. Esta resistência a esta identificação é compreensível pois, pela sociedade atual ser pautada em valores ligados à juventude e poder de consumo, os idosos, como grupo, podem se sentir marginalizados e estigmatizados.

Esse contexto torna o processo de envelhecer algo mais penoso do que já é, pois não é fácil aceitar que o próprio corpo não é mais como era antes. O surgimento de fios brancos, rugas e pele flácida evidencia um sujeito que sofre a ação do tempo sobre si. O impacto desse processo não se restringe à aparência física, mas também afeta a vida por inteiro, visto que a perda de força, agilidade e a redução de libido, — que são alguns dos sinais do envelhecimento — determinam, às vezes, mudanças no cotidiano e nos hábitos. Goldfarb (1998) pontua que existe falta de reconhecimento dessa nova imagem de si, o reflexo no espelho é um total desconhecido, pois a face que se esperava ver ali refletida transformou-se durante os anos.

Ao longo da vida, o indivíduo está sujeito a inúmeras perdas. Na perspectiva social, tende-se a pensar que a perda de parentes próximos, e da própria vida, do adoecimento são exclusivas ao envelhecimento, pois tornam-se mais frequentes. Contudo, a experiência de perda está presente em todos os momentos. Viorst (2005), em seu livro *Perdas necessárias*, afirma que a primeira perda acontece logo no nascimento, quando se é retirado do lugar de conforto e tranquilidade que é o ventre da mãe. Ainda sobre as perdas experienciadas, a autora declara:

E nossas perdas incluem não apenas separações e partidas dos que amamos, mas também a perda consciente ou inconsciente de sonhos românticos, expectativas impossíveis, ilusões de liberdade e poder, ilusões de segurança — e a perda do nosso próprio eu jovem, o eu que se julgava para sempre imune às rugas, invulnerável e imortal (Viorst, 2005, p. 14).

Perde-se um brinquedo, uma prova, um amor, uma oportunidade de emprego, a roupa favorita, um evento importante dos filhos, entre tantos outros. Talvez, com o passar do tempo, algumas perdas pareçam menores do que outras, mas em algum momento adquirem grandes proporções, e causam

sofrimento. Portanto, a velhice é atravessada por suas perdas; talvez maiores em número, pois são mais ocorrentes e por vezes, acontecem concomitantemente tornando ainda mais doloroso o processo de luto.

Segundo Cherix (2015), o complexo de castração pode ser reativado na velhice. A justificativa seria que o idoso agora se sente restrito, impossibilitado de ser e fazer o que costumava, devido às limitações provenientes do avanço da idade, sendo ali gritante, os impactos da perda causados pela idade avançada, tornam a experiência de envelhecer angustiante. Nesse momento, o sujeito tem de lidar com a morte, que não é mais abstrata e distante, mas ameaça real e consequente do tempo.

Apesar dessa realidade, o inconsciente não consegue relacionar o morrer com a velhice, pois nele a própria morte não é vista como algo natural (Kubler-Ross, 1996). Assim, os seres humanos não são capazes de aceitá-la sem receio nem quando ela está atrelada à idade avançada, mesmo que a única certeza existente desde o nascimento seja a morte. Kubler-Ross (1996, p. 13) afirma que,

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, esse será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou idade avançada.

Em seu livro *Sobre a morte e o morrer*, Kubler-Ross (1996) apresenta as fases, associadas à aceitação da morte, que os sujeitos podem vivenciar quando recebem a notícia da morte iminente; algumas delas podem ser percebidas no contato com os idosos, quando percebem que se encontram muito debilitados ou que a morte está próxima. O primeiro desses estágios é a negação, em que a pessoa não aceita a proximidade do fim da vida. O estágio seguinte é a raiva, muito comum nos idosos, ocorre devido ao inconformismo com a própria condição. Depois, a fase da barganha, que é a tentativa de, em troca de alguma ação, clamar a Deus o livramento daquela situação. A barganha, quando não apresenta sucesso, é prosseguida pela fase de depressão, na qual se lamenta pelo que já foi perdido ou pelo que ainda será, por conta das limitações e a iminente perda da vida. Por fim, a fase da aceitação, diferente do que muitos pensam, não é marcada pela felicidade, mas pelo conformismo da proximidade da morte e pela retirada da libido do mundo.

É importante que o indivíduo tenha apoio e compreensão das pessoas de seu convívio, para que, ao passar por essas fases, elas sejam mais bem elaboradas. Ademais, a morte pode ser encarada de uma maneira mais leve do que atualmente tem sido. Afinal, é um processo natural e inevitável. O modo que o sujeito lidou com as perdas ao longo de toda a sua vida influenciará diretamente em como ele ou ela irá encarar a finitude dos momentos, das pessoas, dos objetos e de si mesmo. Sendo assim,

se essas perdas forem bem superadas, é provável que o sujeito não tenha muita dificuldade em lidar com a velhice, que para nossa sociedade ainda significa maior proximidade da morte. Viorst (2005, p. 326) observa:

[...] que o processo de morrer pode às vezes oferecer uma nova oportunidade, permitir às vezes — sim! — crescimento e mudança, que a proximidade da morte pode precipitar um novo estágio de desenvolvimento emocional até então muito além das nossas capacidades.

Tal situação possibilita, de acordo com a vivência de cada um, que o idoso perceba tanto os pontos negativos quanto os positivos oriundos dessa fase. Esses casos configurariam o envelhecimento ideal, ou seja, aquele em que há “baixo risco de doenças e de incapacidades funcionais; funcionamento mental e físico excelentes; e envolvimento ativo com a vida.” (Rowe; Kahn, 1998 apud Cupertino; Rosa; Ribeiro, 2007, p. 81). Viorst (2005, p. 309) argumenta:

[...] a própria idade pode dar origem a novas forças e novas aptidões não acessíveis nos outros estágios. Podemos adquirir maior sabedoria sobre a vida, maior liberdade, maior perspectiva e mais força. Podemos ter maior candor com os outros, maior honestidade para conosco. Pode haver também uma mudança no modo como são encarados os tempos difíceis da vida — uma mudança da "tragédia" para a "ironia".

Porém, a realidade vivenciada por boa parte da população idosa brasileira é bem diferente, principalmente para aqueles que, por decisão própria ou familiar, são institucionalizados em ILPIs. Em síntese, os principais fatores que levam esses idosos a essa institucionalização são: a ausência de cônjuge, filhos e/ou familiares aptos e disponíveis para prestar o acompanhamento necessário; o comprometimento cognitivo ou físico; e a dependência de terceiros para a realização de atividades básicas (Lini; Portella; Doring, 2016). A partir dessas razões, é perceptível que alguns dos critérios para o desenvolvimento de uma velhice saudável não foram atendidos, logo, o ambiente, que normalmente é sempre muito cheio de idosos, não favorece um envelhecimento ideal.

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa, que se caracteriza como um estudo de ordem qualitativa, e decorre da prática extensionista em Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPIs) mineiras, tem o objetivo de analisar, por meio de revisão bibliográfica, os aspectos negativos associados ao processo de envelhecimento e à aversão à ideia de morte. Em conjunto foram examinados os relatos de residentes de instituições participantes do Projeto: Arte de cuidar, financiado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas, nas quais foram realizados acolhimentos psicológicos na modalidade virtual, entre os

meses de março e junho de 2022. O projeto em questão está inserido na Rede de Apoio à Pessoa Idosa (RAPI), e presta assistência psicossocial a idosos institucionalizados e não institucionalizados.

Em síntese, entende-se que:

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001 apud Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021, p. 157).

Além disso, esse tipo de pesquisa examina evidências baseadas em dados verbais e visuais para entender, com a devida profundidade, o contexto ali presente, no que se refere à morte e ao envelhecimento. Durante a análise dos relatos dos atendimentos foi possível notar, na fala dos residentes de ILPIs, múltiplos pontos convergentes e alguns divergentes, bem como esses idosos percebem e vivenciam essas questões; elemento fundamental para a escolha da linha de pesquisa. Esses dados, quando observados por meio de uma perspectiva grupal, isto é, de sujeitos de faixa etária aproximada, pertencentes a contextos sócio-históricos similares, sinalizam a importância do tema discutido neste artigo, pois é um assunto negligenciado em muitas esferas.

No total foram analisados os relatos de 14 homens e mulheres, com idade entre 60 e 89 anos; residentes, atualmente, em ILPIs mineiras atendidas pelo projeto; os motivos do encaminhamento para seus respectivos lares são diversos, e todos os participantes apresentam questões relacionadas ao foco de estudo deste artigo.

Por fim, considerando o objeto de estudo da presente pesquisa, e para cumprir as regras de atendimento de apoio psicológico, isto é, descrição e sigilo de informações pessoais, nos relatos aqui utilizados, foi assegurado aos idosos citados o direito da não exposição de seus nomes.

## **4 DISCUSSÃO E RESULTADOS**

### *1. A última fase da vida vivenciada dentro de uma instituição: quais os impactos na autonomia dos idosos residentes de ILPIs*

É inquestionável a importância das Instituições de Longa Permanência para Idosos, visto que estas surgem como alternativa de espaço e cuidado à população idosa, que por algum motivo, não possui o devido apoio familiar. No entanto, é também inegável que

As ILPIs são locais desprovidos de liberdade para seus residentes, desde a admissão até sua permanência como “moradores”, especialmente porque as normas institucionais, os contratos de permanência no estabelecimento, os riscos de acidentes físicos, a qualidade da assistência e de recursos humanos qualificados para o cuidado ao idoso frágil influenciam na qualidade de vida dessas pessoas (Silva; Figueiredo, 2012, p. 23).

As menções à ausência de liberdade foram constantes nos diversos relatos de atendimentos. Apesar de as ILPIs serem compostas por idosos independentes, pouco dependentes e completamente dependentes, é vetada a todos, ou à maioria dos idosos, a prática de atividades essenciais para o envelhecimento saudável. Essa proibição pode ser devido a regras da própria instituição, ou é motivada por um método arcaico de desencorajar a autonomia desses residentes. Em síntese, dentro desses espaços, as atividades simples como *hobbies* — costura, leitura, ouvir música, cozinhar, etc. —, não são realizadas com a frequência desejada dentro desses espaços. Durante as conversas, algumas queixas são comuns na fala dos idosos, como, por exemplo: “*Aqui não tem nada pra fazer, não faço nada*” (Homem, 61 anos, institucionalizado há 6 meses); “*Odeio esse lugar, aqui não me deixam beber, não pode fazer nada aqui, quero voltar para rua*” (Homem, 60 anos, institucionalizado há 4 meses); “*Me dou muito bem com as pessoas aqui dentro, mas sinto falta da costura, sempre costurei, e aqui não posso ter máquina, não tem espaço*” (Mulher, 69 anos, institucionalizada há 8 meses); “*Sinto falta de mexer no celular. É bom, né? A gente se distrai tanto. Mas aqui dentro não pode ter celular*” (Mulher, 63 anos, institucionalizada há 3 meses).

Compreende-se a importância da estipulação de regras para a organização da instituição, haja vista a quantidade de idosos e funcionários que circulam por esses espaços. No entanto, o impacto que a perda de liberdade para realizar atividades que — anteriormente à institucionalização — eram comuns em suas rotinas, não pode ser desconsiderado, pois ocasiona prejuízos imensos na autonomia e, conseqüentemente, na felicidade desses idosos.

Igualmente, é importante ressaltar que não somente as atividades de entretenimento são interrompidas quando o idoso é institucionalizado, costumeiramente, a convivência com familiares e amigos é ainda mais afetada, pois o contato permitido é limitado aos horários de visita das ILPIs. Isso quando o residente sequer recebe visitas, pois é primordial considerar o alto índice de abandono familiar de idosos em ILPIs brasileiras.

Nesse sentido, não é raro ter relatos a respeito das saudades que esses idosos têm de sua vida fora das ILPIs, e da tristeza que sentem por estarem distantes de seus familiares e/ou amigos, de suas casas e de seus hábitos, como pode ser evidenciado nas seguintes passagens: “*Sinto muito por não poder ver meus netos crescerem, eles não podem vir aqui*” (Mulher, 75 anos, institucionalizada há 11 meses); “*Não posso mais ficar aqui, preciso ficar com minha mãe, ela já tem 90 anos, preciso cuidar dela antes de perdê-la*” (Mulher, 63 anos, institucionalizada há 3 meses); “*Não gosto da*

*comida daqui, não como qualquer coisa e minhas filhas sabem disso, elas cozinhavam só o que eu gosto de comer”* (Mulher, 72 anos, institucionalizada há 1 ano e 4 meses); *“Sinto falta do borracheiro e da mulher dele, eles eram meus amigos, e me davam comida”* (Homem, 60 anos, institucionalizado há 4 meses, se referindo aos amigos que o auxiliavam quando ele morava na rua) e *“Fico nervosa porque não posso ver meus filhos, sinto muita saudade deles e já tem muito tempo em que eles vieram aqui me ver”* (Mulher, 65 anos, institucionalizada há 3 meses).

Considerando os relatos, é evidente o impacto negativo que a vivência nessas instituições tem sobre a liberdade de escolha, rotina e expressões desses idosos; pode ser percebido, em diversos aspectos, que a institucionalização limita drasticamente a possibilidade de se entreterem, de acordo com suas preferências, e restringe, de forma ainda mais agressiva, suas esperanças de poderem ser quem eram antes. Em razão disso, esses idosos perdem os laços sociais, ou seja, a convivência que tinham com as pessoas antes de se institucionalizarem e, simultaneamente, precisam aprender a lidar com outras tantas novas companhias — dentro dos seus quartos, nos momentos da refeição e nas atividades compartilhadas dentro das ILPIs.

É incontestável que a falta de privacidade incomoda os idosos aqui analisados, e sua indignação é compreensível, visto que o direito à privacidade é de todos e deve ser respeitado, pois a sua violação interfere na dignidade dos indivíduos. Ainda que, dentro das instituições de apoio e acolhimento para idosos, preservar esse direito não seja uma ação fácil de implementar, é de extrema importância pensar em novas estratégias para mitigar relatos como os que seguirão: *“O que me irrita aqui é que tudo é dividido, não respeitam as coisas da gente, você pede para trazerem um desodorante para você, dali dois dias já tem outra pessoa usando, ou então ele sumiu”* (Mulher, 69 anos, institucionalizada há 8 meses); *“É difícil dormir com outras três pessoas no quarto, tem uma que ronca demais, a outra é doente e grita a noite toda, e às vezes quando eu quero ir no banheiro, ele está ocupado, aí eu vou no banheiro do refeitório, ou faço na roupa”* (Mulher, 62 anos, institucionalizada há 1 ano e nove meses), e *“Odeio ver gente usando minhas roupas, já vi idosa aí usando blusa minha nova, que comprei antes de entrar aqui, enquanto eu usava roupa rasgada de outra pessoa. Aqui não tem separação de nada não”* (Mulher, 62 anos, institucionalizada há 1 ano e nove meses).

Além disso, experiências novas também são podadas dentro desses espaços, como por exemplo, as vivências amorosas, e isso pôde ser percebido no relato de uma mulher, de 69 anos, — institucionalizada há 8 meses — que encontrou um parceiro dentro da ILPI em que reside, mas reclama: *“Aqui dentro é complicado, porque não podemos namorar aqui. Então tenho vontade de sair para podermos nos casar, viver um tempo sozinhos e depois voltar, porque ele gosta de morar aqui, e eu também, somos muito bem tratados, mas não tem quarto de casal”*. As vivências amorosas

e sexuais retomam o sentido da vida, considerando que o amor é, na vida moderna, tanto um ideal como uma de nossas maiores promessas de felicidade” (Martuccelli, 2016, p. 147). Posto isso, seria importante que as instituições considerassem o “direito à privacidade e intimidade, e [favorecessem] o convívio, o namoro e as trocas afetivas entre idosos. [Pois] a garantia disso possibilita a eles exercerem, pelo menos neste aspecto, atividades que melhor facilitariam sua adaptação na instituição” (Freitas, *et al.* 2014, p. 908).

Ademais, isso acaba por reforçar a ideia errônea e estereotipada de que não existe sexo nessa fase da vida. Freud (2006) afirmava que a sexualidade está presente desde o nascimento até a morte; sendo assim, nada mais normal do que idosos terem desejos e vontades sexuais, entretanto, quando a liberdade desses sujeitos é castrada, cria-se um ambiente opressor e desconfortável.

É fundamental destacar a dificuldade que a equipe multiprofissional, que atua dentro dessas instituições, enfrenta todos os dias com a mediação de dezenas de idosos, alguns mais dependentes de cuidados do que outros. Mas é crucial que a Psicologia — ciência que preza pela compreensão das emoções, sentimentos e fenômenos psíquicos humanos — molde estudantes e profissionais capazes de ter um olhar crítico a respeito dessas instituições que acolhem uma parcela tão importante da população e que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), tende a crescer e a chegar a 58,2 milhões de pessoas em 2060. Assim,

A autonomia é uma vertente central do envelhecimento saudável, e promover a autonomia das pessoas idosas, o direito à sua autodeterminação, mantendo a sua dignidade, integridade e liberdade de escolha é fundamental para a promoção da sua qualidade de vida (Brasil, 2006 apud Cunha *et al.*, 2012, p. 658).

Por essa razão, a ausência de autonomia acarretada pela vivência em uma ILPI afeta tanto a singularidade desses indivíduos — dificultando o reconhecimento e aceitação do envelhecimento — quanto intensifica a ideia e o temor da morte, que serão apresentados nos próximos tópicos.

## 2. *O envelhecimento fora do espelho: a dificuldade de se reconhecer idoso em um ambiente que não preza pela subjetividade*

O mito do corpo jovem é muito discutido quando o tópico analisado é a felicidade da pessoa idosa, uma vez que a ideia de beleza é atrelada, exclusivamente, à juventude. Dessa forma, sentir-se bem consigo, em seu próprio corpo, faz parte do ideal fantasioso da tríade: juventude, beleza e felicidade. Tal ideia, intrínseca à sociedade, suscita a noção de que a atração sexual acontece somente quando se é belo e jovem, , assim como relatado por uma das residentes atendidas: ela possui 72 anos,

está institucionalizada há 1 ano e 4 meses, e diz: “*Quando entrei aqui (ILPI), eu estava na flor da mocidade, agora estou um caco, não vou achar mais ninguém (se referindo a um parceiro amoroso)*”; ou o comentário de outra mulher, institucionalizada há 8 meses, que possui 69 anos e relata: “*Só tive um parceiro na vida, que foi o meu marido, depois que ele morreu só me apaixonei pelo Sr. X (outro residente da ILPI), mas acho que ele prefere as mais jovens, porque eu não sou experiente nesses assuntos*”, referindo-se a relações sexuais.

A questão da beleza e sexualidade pode, e deve, ser repensada, para reconhecer que a beleza está presente em todas as fases da vida; logo, é importante que contemple maior diversidade de pessoas com diferentes idades, cores e corpos ao invés de limitar-se a padrões estéticos restritivos.

É também primordial desatrelar a sexualidade da performance e que o desempenho sexual ativo e satisfatório é particular aos jovens; dessa forma, compreender que o sexo é algo mais que carnal, pois envolve tanto o desejo quanto os sentimentos ali presentes. É igualmente importante a mudança de pensamento que relaciona felicidade à beleza, afinal, a felicidade, que não está ligada somente ao que é palpável e material, é proporcionada, pelo cuidado, pela atenção e pela companhia, principalmente tratando-se dos idosos residentes em instituições de cuidado.

Em relação ao corpo, o declínio físico é outro ponto levantado pelos idosos. É comum, com o passar dos anos, que aconteçam mudanças na saúde do sujeito e, às vezes, complicações inerentes ao envelhecimento de cada indivíduo. É possível constatar que essas mudanças são, geralmente, recebidas pelos idosos com muita tristeza e frustração. Um dos residentes atendidos, de 63 anos, passou a maior parte de sua vida fazendo serviços braçais, e agora se vê resignado a uma cadeira de rodas; seus relatos sempre pontuam sofrimento enorme de não ter mais o corpo de antes, um corpo que podia andar, dirigir e dançar. Outra residente relata que, anteriormente, seus atendimentos médicos nunca foram tão frequentes, pois quando se machucava, em pouco tempo ficava bem. Hoje, ela precisa lidar com a saúde debilitada e frágil, situação a que não está acostumada.

Desse modo, percebe-se o sentimento de frustração e luto intenso diante desse corpo que não é mais o mesmo, que sofreu e sofrerá o processo irreversível de declínio progressivo todos os dias. A dificuldade de aceitar a nova realidade e lidar com essas perdas físicas e psicológicas, impactam o sujeito psicologicamente, pois é cada vez mais árduo responder às perguntas: quem sou eu, o que estou me tornando, onde está aquele outro eu, que era jovem? A falta de identificação com si próprio piora substancialmente quando a subjetividade está no controle de terceiros, os sentimentos e o conceito do que é ser feliz parecem perdidos.

Em suma, muitas instituições possuem normas rigorosas quanto ao vestuário, à manutenção de hábitos vaidosos dos residentes, à escolha de atividades de lazer, à manifestação da sexualidade e religiosidade, ao horário de dormir, tomar banho, ver televisão, frequentar determinados espaços da

instituição e até a não individualização de pertences pessoais, justificada pela dificuldade em manter e distribuir os objetos para os seus respectivos donos. Tendo isso em vista, se a instituição reprime a liberdade de ser, agir e escolher o que quiser, o idoso também passa a entender aquilo como errado, formando então um entrave em lidar com a sua própria liberdade e, conseqüentemente, na busca da felicidade.

É importante voltar o olhar para a qualidade de vida que os idosos têm tido dentro desse cenário, visto que a saúde mental, a satisfação, a competência social, a produtividade, a atividade e a continuidade de relações informais em grupos primários são, de acordo com Neri (1993), alguns dos principais aspectos que afetam a subjetividade nessa faixa etária. E a maioria deles não são supridos devido à vivência restrita de tantos direitos que as ILPIs insistem em repercutir. Portanto, se o sujeito perde a sua subjetividade e a sua autonomia, a vida parece perder o sentido que tinha antes e, então, a morte, que nessa fase da vida é uma realidade próxima, se torna ainda mais factível, como será exposto a seguir.

### 3. *Como a vivência em Instituições de Longa Permanência para Idosos aproxima a ideia e o medo da morte*

A morte é a única certeza dos indivíduos e, ainda assim, tratada como um mistério e um tabu pela sociedade. Isso porque não se sabe ao certo o que vem depois desse momento, somente que a pessoa não está mais presente. Independentemente das muitas teorias acerca desse tema, os indivíduos ainda temem a morte, evitam falar e pensar a respeito. Devido ao medo e à visão negativa no que se refere à morte, pouco é comentado a respeito do fim da vida, adiando, indevidamente, discussões e reflexões necessárias. Porém, há espaços, como as ILPIs, em que a ideia de morte e o possível medo dela estão mais eminentes, e torna-se mais difícil não falar, ou ao menos, não pensar sobre ela.

A frequência de mortes nessas instituições não se deve apenas ao fato de que são lugares onde se encontram pessoas de idade mais avançada, mas também pelas condições adversas desses ambientes. Isso é, a falta de atividades diversificadas, a rara perspectiva de saída e, muitas vezes, as próprias condições de saúde frágeis fazem com que as pessoas reflitam mais sobre a possibilidade da morte, como pôde ser constatado em vários dos acompanhamentos. Entretanto, ora o depoimento acerca da morte vem atrelado ao receio de que ela aconteça, ora vinculado à ideia de que não há mais motivos para postergá-la, como pode ser visto nos seguintes relatos: *“Tenho muito medo de morrer, fico pensando como é a sensação de ficar enterrada, acho que deve sufocar”* (Mulher, 65 anos, institucionalizada há 4 anos), *“Há uma semana atrás o meu amigo morreu, ele tava sempre junto de*

*mim, me ajudando com o que eu precisava, agora ele se foi...gosto nem de pensar se não fico triste”* (Homem, 63 anos, tempo de institucionalização indefinido).

Nessa primeira perspectiva, pensar sobre a morte causa sofrimento e angústia, mas em contraste a essas falas, há declarações que reafirmam o que analisamos até então: sob a perspectiva da sociedade, está tão arraigado que a velhice e a morte caminham juntas que se torna um pensamento automático. A fim de ilustrar tal afirmativa, tem-se a resposta que uma idosa de 89 anos — institucionalizada há 13 anos —, elaborou quando questionada sobre os seus sonhos e perspectivas futuras: *“Só estou esperando o fim chegar, nascemos para morrer*

*um dia.”*; ou ainda, a alegação de um homem de 60 anos — institucionalizado há 4 meses —, ao despedir-se no final do atendimento: *“Até semana que vem, se bem que eu já posso ter morrido.”*

Embora tais falas pareçam insinuar a naturalização do fim da vida, na verdade retomam o problema discorrido neste estudo, e que parece ainda mais emergente no contexto das ILPIs, haja vista que comentários como *“Na última ligação, meu filho disse que eu não iria mais sair daqui. Para mim foi como receber uma sentença de morte”* (Mulher, 63 anos, institucionalizada há 3 meses), e *“Se eu continuar com essa vida, não compensa viver mais, agora a única coisa que eu espero é a morte mesmo”* (Mulher, 83 anos, institucionalizada há 1 ano) são frequentes e carregados de muita tristeza.

Isso ocorre porque, a partir da análise dos casos dos residentes atendidos, pode-se perceber que as ILPIs não são ambientes propícios para uma vida feliz, e talvez representem mais um espaço para sobrevivência. Viver envolve diversos fenômenos de aproveitamento, que não estão limitados no escopo da sobrevivência, visto que essa última se resume a manter-se vivo biologicamente, mas da forma mais simples e ociosa possível.

Nesse viés, se restringir a sobreviver apenas limita a perspectiva do sujeito de viver com plenitude o seu potencial. Quando o indivíduo precisa sobreviver, geralmente, se encontra muito abalado, principalmente em sua saúde mental e/ou física, que tem grande efeito na percepção sobre si mesmo. No entanto, dentro das ILPIs também é vigente a distorção ou a dificuldade de se reconhecer, considerando o quanto a subjetividade, a individualidade e a liberdade desses idosos são brutalmente afetadas, pois não há tempo nem oportunidade de se fazer o que gosta, de estar com quem se ama ou de viver suas emoções e desejos de forma privada dentro desses espaços, e tudo isso, inquestionavelmente, afeta o sentido da vida e a vontade de viver desses idosos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (2011) pontua que o ser humano deseja em sua vida tornar-se e permanecer feliz. Todavia, no contexto apresentado, torna-se tarefa difícil encontrar a felicidade. Ser feliz na velhice não é improvável, convém ressaltar que a possibilidade de um envelhecimento saudável, e de fato prazeroso deve ser possível como em qualquer outro momento da vida. É de conhecimento comum que a velhice carrega limitações e fragilidades, físicas e emocionais, principalmente quando se trata de idosos institucionalizados, porém é indispensável que a felicidade seja pensada e articulada também dentro desses espaços.

Segundo Colussi *et al.*, (2019) os idosos que têm a possibilidade de envelhecer junto à família, têm uma experiência muito positiva, recompensadora, com oportunidade de brincar com os netos e participar de sua criação. Em sua pesquisa, Goldenberg (2011) identifica idosas que quanto mais avançavam em idade, mais aspectos positivos encontravam em sua vida e, conseqüentemente, na forma em que experienciavam a velhice.

Logo, a ausência da felicidade nas ILPIs é decorrente das diversas perdas que esses idosos sofrem, algumas são marcas do tempo, e outras são conseqüências do modelo rígido e asilar que esses lares possuem. Afinal, é possível ser feliz em um espaço que proíbe a sua liberdade, autonomia e subjetividade? Em um espaço em que se sobrevive ao em vez de viver?

Por mais que muitas dessas normas sejam instauradas para garantir ordem no ambiente, é essencial tratar esses pontos nas instituições de cuidados de idosos, a partir do pressuposto de que a autonomia e a liberdade de escolha desses sujeitos institucionalizados estão à mercê da instituição e de seus funcionários. Estar em um ambiente que entende essa situação e permite o desprendimento para escolher e ser, faz toda diferença quando pensamos em felicidade, a qual está integralmente associada à autonomia e à subjetividade.

As instituições não são exclusivamente responsáveis pelo descontentamento dos moradores, apesar de possuírem um papel importante. Não se pode esquecer o quanto a sociedade tende a repudiar o envelhecimento e tudo atrelado a ele, a visão negativa dessa fase é culturalmente disseminada e, conseqüentemente, impacta na forma que as pessoas irão experienciar a passagem do tempo, o envelhecimento e a aproximação da finitude.

Nesse sentido, é importante relembrar a ideia da “*bela velhice*”, sugerida por Beauvoir (2018), que descreve a importância de construir um programa singular que capacite todos a decidirem seus próprios comportamentos, não de acordo com algumas regras, mas de acordo com suas próprias vontades.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 3. ed. Editora Nova Fronteira Participações, Rio de Janeiro, 2018.
- CHERIX, Kátia. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Rev. SBPH**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 39-51, jun. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582015000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003). Acesso em: 30 maio 2022.
- COLUSSI, Eliane Lucia *et al.* Percepções de idosos sobre envelhecimento e violência nas relações intrafamiliares. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, e. 190034. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/9C3ycWCLPLbWvP8RSWhzVhm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- CUNHA, Juliana X.; OLIVEIRA, Jussara B.; NERY, Valéria A.; SENA, Edite L.; BOERY, Rita N.; YARID, Sérgio. **Autonomia do idoso e suas implicações éticas na assistência da enfermagem**. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 657-664, out./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/x5TvxNhyQmcwvGbN3QvPMQB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 jun. 2022.
- CUPERTINO, Ana Paula F.; ROSA, Fernanda Heringer M.; RIBEIRO, Pricila Cristina C. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia: reflexão e crítica**, Universidade Estadual de Campinas, 20 (1), p. 81-86, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/188/18820111.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2022.
- FREITAS, Maria C.; GUEDES, Maria V.; GALIZA, Francisca T.; NOGUEIRA, Jéssica M.; ONOFRE, Maria R. Idosos residentes de uma Instituição de Longa Permanência: adaptação à luz de Callista Roy. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 67(6), p. 905-912, nov./dez. 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10894/3/2014\\_art\\_mvkguedes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10894/3/2014_art_mvkguedes.pdf). Acesso em: 9 jun. 2022.
- FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.
- GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Disponível em: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_18/contemporanea\\_n18\\_06\\_Mirian\\_Goldenberg.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenberg.pdf). Acesso em: 31 maio 2022.
- GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- GOMES, O. S.; RODRIGUES, L. A.; MEGA, L. F. S.; MEGA, G. S.; FERNANDES, L. S. BERNICH, N. R.; RIBEIRO, G. D.; CAMPOS, K. A. M. de; RODRIGUES, M, F. O. S. VASCONCELOS, H. G. Cirurgia plástica no Brasil: uma análise epidemiológica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 24, p.7375, 3 maio 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/7375/4565>. Acesso em: 8 jun. 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/mod\\_resource/content/1/Texto%20base.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/mod_resource/content/1/Texto%20base.pdf). Acesso em: 3 jun. 2022.

LINI, Ezequiel Vitório; PORTELLA, Marilene Rodrigues; DORING, Marlene. Fatores associados à institucionalização de idosos: estudo caso-control. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 19(6), p. 1004-1014, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/CPvvmfwnyWGbrcDqnRLzmxg/?lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2022.

MARTUCCELLI, Danilo. O indivíduo, o amor e o sentido da vida nas sociedades contemporâneas. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 86, p.147-165, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/VvXTsfZHkNKBkSpKCn8gMzt/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2022.

NERI, A. L.. **Atividade e bem-estar psicológico na maturidade**. In: NERI A. L. **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 1993.

RODRIGUES, Tatiana D.; OLIVEIRA, Guilherme S.; SANTOS Josely A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49/41>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SILVA, Marylane V.; FIGUEIREDO, Maria do Livramento F. Idosos institucionalizados: uma reflexão para o cuidado de longo prazo. **Enfermagem em foco**. Piauí, 3(1), p. 22-24, 2012. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/215/136>. Acesso em: 6 jun. 2022.

VILHENA, J. de, NOVAES, J. de V.; ROSA, C. M. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 17(2), p. 251-264, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>. Acesso em: 30 maio 2022.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. 4. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.